

Corpo, educação e cultura com jovens em formação. Aprendendo a aprender e as experiências do Núcleo de Artes afro-brasileiras da USP

Body, education and culture with teenagers in formation. Learning to learn and the experiences of the Afro-Brazilian Art Center of the University of São Paulo

RESUMO

Apresentamos no texto a seguir um emaranhado de provocações gíngadas e malandreadas que nascem da vivência e saberes populares do Contramestre Pinguim, colocados aqui como pontos de reflexão para pensarmos a cultura como mediadora de políticas para a educação escolar. Partimos de um panorama de apropriação juvenil do “fazer cultura” na cidade por meio de movimentos artístico-culturais autônomos e não institucionalizados que ganham força nas duas últimas décadas, sendo muitos deles nas periferias, onde é crítico o índice de mortalidade de jovens negros por violência. Passamos em seguida a apresentar o Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP como uma ocupação artístico-cultural, logo, de reverberações políticas, na Universidade de São Paulo desde 1997. Abordamos sua concepção extensionista e mostramos algumas de suas ações, não para apresentá-las como modelos fechados, mas como propostas educativas em constante construção que podem contribuir com o debate “Educação e universidade sob a ótica da cultura e extensão” proposto pela Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU USP), na esperança de que a discussão possa se transformar em futuras políticas afirmativas universitárias de interação com a comunidade escolar.

Dentre essas experiências destacamos também um relato sobre a passagem de pesquisadores na condição de arte-educadores na antiga Fundação Para o Bem Estar do Menor do Estado de São Paulo (FEBEM), atual Fundação Casa.

Palavras-chave: Núcleo de Artes Afro-Brasileiras. Cultura Negra. Educação. Jovens.

ELIANY CRISTINA
ORTIZ FUNARI, LUIZ
ANTONIO NASCIMENTO
CARDOSO¹ E THIAGO
MARCELO MENDES

Universidade de São Paulo.
Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, São Paulo/SP,
Brasil.

1 Luiz Antonio Nascimento Cardoso, mais conhecido como Contramestre Pinguim, é diretor artístico do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, mestre de saberes populares, contramestre de capoeira angola e fundador do Grupo de Capoeira Angola Guerreiros de Senzala, que atua na Universidade de São Paulo desde 1997 pesquisando, praticando, ensinando, difundindo e preservando manifestações culturais de corpo e música do recôncavo Baiano, como a capoeira angola, o maculelê, o samba de roda, a puxada de rede, além da percussão e dança afro. Embora não tenha sido exigido pelo Contramestre, sua participação na coautoria foi inserida, pois ele orientou a discussão do texto e porque dele partem as principais provocações que dão base ao artigo.

ABSTRACT

The following text presents some interwoven provocations that arise from wisdom and experiences of Contramestre Pinguim taken here as opportunities to think about culture as mediator of public policies for education at school. We start with a panorama of the appropriation of “doing culture” in the city by young people by promoting autonomous and non institutionalized artistic-cultural movements that gained force in the two last decades, most of them in the peripheries of São Paulo where there is a critical death rate among black young people as consequence of violence. Next we present the Afro-Brazilian Art Center of the University of São Paulo as an artistic-cultural occupation, with political outcomes, since 1997. We approach its extensional concept and some of its actions not to present them as complete models, but as educational proposals in constant construction process in order to enrich the debates on “Education and University from the point of view of Culture and Extension” in the hope of the creation of affirmative university policies for interaction with school communities.

Among these experiences we highlight a narrative about the participation of researchers from the Afro-Brazilian Art Center as art educators at the FEBEM (Foundation for Minors Welfare – a youth detention center), which is now called Casa Foundation.

Keywords: Afro-Brazilian Art Center. Black Culture. Education Teenagers.

INTRODUÇÃO

Cordão de ouro no peito, moto, tênis de marca. “Lá na Vila a FEBEM é o vestibular do menor” disse o Contramestre Pinguim durante uma oficina de dança afro, capoeira angola, maculelê e samba de roda voltada para professores e professoras da rede pública de ensino fundamental e médio que participavam do *Projeto Ìrètí, Formação em Cultura Negra para Educadores*² [1]. Da oficina participavam por iniciativa própria, na condição de aprendizes da prática de ensino do Contramestre Pinguim, algumas de suas alunas e alunos do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, que formavam uma espécie de corpo de assistentes. Alguns na chamada “bateria” composta pelos tocadores e tocadoras da música ao vivo tirada das congas, atabaques, agogôs, pandeiros e berimbaus, que dão o som das aulas, e outros acompanhando o Contramestre nos movimentos de corpo, auxiliam como referência de movimentação para o público participante, formado por professores e professoras da rede municipal e estadual de ensino.

Fazendo uso da provocação colocada pelo Contramestre Pinguim trazemos a problemática referente à desmotivação de jovens e adolescentes de periferia no que se

2 O Contramestre Pinguim foi convidado para, em maio/junho de 2015, participar como educador nesse curso de formação continuada, por meio de sua aluna e pesquisadora do Núcleo de Artes Afro-brasileiras, Amanda Carneiro, uma das gestoras e formadoras do Projeto Ìrètí.

refere aos estudos da educação formal para em seguida analisarmos a questão sob a ótica da relação entre educação e cultura nas políticas educacionais. Nos moldes em que se apresenta hoje, a escola pública está “perdendo” esse adolescente, que se mostra desinteressado ou não identificado com aquele sistema educacional, em detrimento de oportunidades mais acessíveis e imediatas de aumento do poder de consumo oferecidas pela criminalidade nas periferias, problemática forjada na exclusão social, no racismo, na ilusão do consumismo e na ostentação do poder de consumo, em uma cidade onde “Deus é uma nota de 100”[2], como nos fala a música “Vida Loka” do grupo de rap, Racionais MC’s. Ao mesmo tempo, temos vivenciado na cidade de São Paulo movimentos organizados de revitalização cultural e apropriação de espaços urbanos, muitos dentro das camadas populares, que nos fazem repensar a eficácia da educação formal atual (ou desatual) na formação dos jovens e sua construção da cidadania.

O que faz com que uma massa de alunos e alunas da rede pública desconheça a figura histórica de Marighella³, até o momento em que esse personagem da história da ditadura militar no Brasil passa a ser tema de música de rap⁴ [3] cantada nas “quebradas”⁵?

Nos últimos anos vimos aflorar saraus literários em regiões de periferia, como o Cooperifa⁶[4], o Sarau do Binho⁷, Sarau dos Mesquiteiros⁸ [5], as ocupações sócio-artístico-culturais, como a Casa Amarela⁹, as ocupações das escolas estaduais de São Paulo pelos estudantes secundaristas em 2015 com suas programações artístico-culturais, os movimentos de coletivos como o Cine Campinho¹⁰ [6] de Guaianazes, as

3 Carlos Marighella teve uma trajetória política de resistência a regimes ditatoriais tanto na Era Vargas quanto no golpe de 1964, quando se destacou como um dos expoentes na resistência armada. Foi também escritor e político filiado ao PCB, Partido Comunista Brasileiro, de onde foi expulso na década de 1960, fundando em seguida a ALN, Ação Libertadora Nacional, que tinha a luta armada como premissa.

4 Música *Mil Faces de um Homem Leal*, do grupo Racionais MC’s.[3]

5 Termo “quebrada” utilizado para se referir a bairros de periferia.

6 Segundo descrição própria: “A Cooperifa é um movimento cultural que em outubro de 2017 completou 16 anos de atividades poéticas no bar do Zé Batidão na periferia de São Paulo. Cinema na laje, Chuva de livros, Várzea poética, Poesia no ar, Ajoelhaço, Natal com livros, Mostra cultural, Sarau nas escolas, Canja poética, são algumas das intervenções culturais na zona sul na região. O Sarau da Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade.”.

7 Oficialmente o Sarau do Binho se inicia em 2004 na periferia de São Paulo, no Bar do Binho, Bairro do Campo Limpo, zona sul. Em 2012 o estabelecimento é fechado por ordem da subprefeitura e o Sarau, sem espaço físico, passa a acontecer em diferentes espaços culturais e escolas da cidade e do interior de São Paulo.

8 O Sarau dos Mesquiteiros [5] surgiu em 2006, na Escola Estadual Jornalista Francisco Mesquita, em Ermelino Matarazzo e expandiu-se para outras áreas de periferia. Segundo seu idealizador, Rodrigo Ciríaco, a intenção era levar para as escolas uma forma diferenciada de relação com a literatura que ele vinha vivenciando junto aos saraus de periferia. Entrevista com Rodrigo Ciríaco à TV Cultura, em Notícias UNIVESP.

9 A ocupação Casa Amarela Quilombo Afroguaraný teve início em fevereiro de 2014 e promove eventos, oficinas cursos entre outras atividades artísticas, culturais e educativas no local da ocupação e em escolas.

10 O Cine Campinho [6] surge em 2007, quando foi contemplado pelo VAI – Programa de Valorização de Iniciativas Culturais, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. A proposta de cine-debates já acontecia desde 2005 com a reunião de jovens do bairro para assistir filmes e documentários e debater sobre os problemas da comunidade do Jardim Bandeirantes/Lajeado, em Guaianases.

casas de culturas, os pontos de cultura e demais organizações. Ações de apropriação do jovem de periferia do seu próprio potencial de fazer cultural e fazer artístico que podem despertar outros olhares sobre a relação entre cultura e educação e políticas públicas para a juventude, inclusive políticas de segurança pública para a população jovem pobre, e pobre e negra, diante de seus altos índices de mortalidade por violência.

Em seu estudo intitulado *Juventude e Participação, Novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo* [7], o pesquisador Renato Souza de Almeida vislumbra um novo potencial de transformação política em ações culturais e artísticas coletivas protagonizadas por jovens, como algumas das elencadas acima. Segundo ele,

(...) para além das formas tradicionais de participação, através dos partidos políticos e do movimento estudantil, outras formas de atuação juvenil têm despontado, nos últimos anos, com uma ação não institucionalizada que se organiza em torno de questões culturais, ecológicas, e outras. [7]

O pesquisador também ressalta que embora não institucionalizados, o caráter autônomo e espontâneo desses movimentos culturais mais recentes não exclui a possibilidade de relação com as administrações públicas chegando a discorrer sobre como o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo fortaleceu ações como saraus, coletivos e as ocupações, inclusive ações mencionadas neste texto.

O Próprio Núcleo de Artes Afro-brasileiras chegou a ser beneficiado pelo Programa Agente Comunitário de Cultura do VAI, que viabilizou a participação do Contramestre Pinguim como educador nas aulas de capoeira, dança afro e percussão do Núcleo em 2014 [8].

É nesse sentido que propomos pensar políticas de incentivo à conexão entre a Universidade e a Escola pelo viés das experiências dessas ações artístico-culturais que se expandiram no último milênio.

Sobre a cultura como mediadora e os riscos do isolamento da cultura dos demais itens de constituição da cidadania, Luis Alberto Alves propõe “aprender a fazer educação na ação cultural e culturalizar a educação”. [9]

Chega o momento perigoso em que a ação cultural na cidade se distancia da luta pela água, pela melhoria da educação, pela reorganização do bairro. Aí morre a mediação e se sufoca mesmo a proposta transformadora da cultura, que os partidos, administrações públicas e demais entidades progressistas da sociedade civil anunciaram e anunciam. Desse modo, as melhores reformas da legislação são aquelas em que orçamentos, incentivos e outras políticas financeiro-econômicas vigiam e mensuram rigorosamente os projetos e programas capazes de verem a cultura como processo de articulação dos diferentes âmbitos da consecução da cidadania. [9]

Dentro desse quadro de experiências artístico-culturais partiremos para a abordagem do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP enquanto movimento cultural que, assim como aqueles acima citados, iniciou-se como uma organização informal, caracterizada como Ocupação, porém neste caso inserido em um ambiente educacional, a Universidade de São Paulo.

OS GUERREIROS DE SENZALA E O NÚCLEO DE ARTES AFRO-BRASILEIRAS DA USP

O Núcleo de Artes Afro-brasileiras é um Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão (NACE) da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo que

propõe-se como espaço interdisciplinar de ensino, pesquisa e experimentação de performances artístico-culturais que integram o diverso patrimônio cultural afro-brasileiro. Suas diretrizes de formação pressupõem a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, com ênfase em repertórios de saber incorporado que se manifestam nas práticas de capoeira angola, maculelê, dança afro, samba de roda, percussão e musicalidade e artes dramáticas. A ação educativa do Núcleo tem como princípio a prática corporal e a mobilização dos variados sentidos do corpo por quais se atualizam diferentes modos de saber, com destaque às formas orais que caracterizam manifestações africanas e afro-brasileiras.¹¹ [10]

A criação do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP em 2007 veio formalizar perante a Universidade um trabalho cultural aqui desenvolvido desde 1997 pelo Grupo de Capoeira Angola Guerreiros de Senzala, sob a condução do Contramestre Pinguim, voltado para a pesquisa e prática de capoeira angola, maculelê, dança afro e percussão. Manifestações culturais de origem negra, mais especificamente da região do Recôncavo Baiano, que entraram na Universidade não através de seus docentes e nem por meio de livros ou publicações, mas trazida por um mestre da cultura popular em uma aliança com seus alunos e alunas universitários e não universitários.

Diante da remoção das atividades devido a não renovação da concessão do espaço, o movimento tomou forma de ocupação, habitando lugares ociosos e abandonados da Universidade que foram revitalizados por meio de mutirões promovidos e custeados pelo Grupo.

O que se percebeu é que ao longo desses 20 anos de ocupação, que inclui os dez anos de criação do Núcleo de Artes Afro-brasileiras, visto que a condição de Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão não garante espaço físico, o grande volume de alunos e alunas que por ali passaram aponta para uma carência de espaços de convivência desburocratizada na Universidade, onde corpo e música em prática sejam os fios condutores das atividades de ensino e pesquisa. Experimentar a cultura cantada, tocada, dançada e jogada - vivida e convivida. Uma experiência de extensão universitária que integrou alunos e alunas da USP e comunidade externa, tendo como liderança um mestre do saber da cultura popular. Embora a extensão universitária possa adquirir formatos que prescindem ou não da atuação direta na comunidade, atentamos para o fato de que o Núcleo tem uma concepção extensionista que busca suprimir princípios sectários entre a comunidade universitária e o “outro” externo, à medida que tem um corpo de alunos e pesquisadores que são universitários e não universitários

11 Definição disponibilizada no site da Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

e que os capacita a levar adiante os saberes adquiridos e conhecimento ali construído. A diferença entre ser interno e ser externo está na participação junto ao Núcleo e não em uma origem universitária ou não universitária que possa rotular a pessoa. As próprias figuras expoentes do Núcleo, que são os mestres e mestras da cultura popular, na condição de formadores ao invés dos docentes servidores, já mostram em si que o Núcleo está pautado numa ação extensionista colaborativa em que a pesquisa universitária se enriquece quando inclui esses detentores de saberes em seu corpo de formadores, que por sua vez formam artistas e arte-educadores, multiplicadores culturais entre seus alunos e alunas, em trabalho de preservação cultural.

Uma iniciativa que, em função das suas referências culturais, promoveu também um intercâmbio com comunidades na Bahia aproximando seus alunos e alunas do povo de terreiro, dos pescadores, dos marisqueiros e marisqueiras, dos sambadores e sambadeiras, das benzedadeiras, dos trabalhadores rurais, dos velhos capoeiristas, promovendo verdadeiras imersões de estudo sobre cultura negra e cultura brasileira, algo semelhante ao que na academia chamamos de viagens de campo. Um estudo que parte da vivência e convivência do(a) próprio(a) praticante-pesquisador(a) com situações, pessoas e lugares que resultam, entre outras coisas, em investigações acadêmicas e artísticas dentro da USP, bem como suas formas de ensinar e aprender.

Essa formação proporcionada pela presença dos mestres e mestras da cultura popular na Universidade vem transformando alunos(as) do Núcleo em novos multiplicadores culturais levando-os(as) não só a desvelar seu potencial artístico como a reproduzir essa experiência educativa junto a outros(as) jovens tanto da periferia de São Paulo quanto da Bahia.

Pensando a necessidade de políticas públicas para o ensino fundamental e médio como forma de acolhimento de jovens em situação de vulnerabilidade social, partiremos de uma definição de equidade no âmbito das políticas educacionais retirada do livro *Igualdade das relações étnico-raciais na escola. Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº 10.639/2003* [11].

Assim, equidade significa não apenas garantir o acesso universal à escola, mas, principalmente, que a permanência e o sucesso na trajetória escolar ocorram em um ambiente propício, com base num projeto político-pedagógico e num currículo que respeite e celebre a diferença e a diversidade. [11]

Voltando à provocação inicial do Contramestre Pinguim detectamos então um paralelo de mundos paralelos, onde por um lado estão os jovens que prestam vestibulares, que desde o início de sua vida escolar são educados para vislumbrar essa experiência desde o início da formação universitária, e do outro lado adolescentes que desde cedo carecem de estímulos de entrosamento com a escola e que encontram barreiras sociais e raciais que diminuem essa “vontade de estudar”. Nesse ponto, aproveitamos a definição de equidade acima para problematizarmos a permanência estudantil nas escolas de periferias.

Dentro do campo de atuação do Núcleo de Artes Afro-brasileiras, entendemos que “celebrar a diferença e a diversidade”, entre outras coisas, passa tanto pela inclusão dos alunos e alunas negras (bem como professores e professoras) em ambientes

educacionais e propostas culturais assim como também passa pela aplicação das leis nº10.639/03[12] e nº 11.645/08[13], que respectivamente estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana e Afro-brasileira e Indígena nas escolas e universidades públicas e privadas brasileiras. A discussão sobre a composição curricular das escolas atravessa a questão da permanência, pois age no estímulo e identificação do aluno e da aluna com tudo aquilo que é vivenciado na escola, e quando tratamos de instituições de ensino localizadas em regiões de periferia é válido considerar que é grande número de estudantes negros e negras. Fazemos então uma ponte entre identidade e educação. Reconhecer-se naquilo que se estuda ou se vivencia na escola é importante para a manutenção do sentido de estudar, daí a função primordial da lei em questão e de sua aplicação efetiva.

Além das propostas temáticas, diversificar as abordagens de aprendizado incluindo atividades corporais, como as que são trabalhadas no Núcleo de Artes Afro-brasileiras, que também são culturais e artísticas, coloca o aluno em uma posição mais autônoma no processo de aprendizagem, além de promover uma revitalização do ambiente escolar. É necessário criar, mover-se, gesticular, se colocar. É também escape, visto que é expressivo. Uns mais tímidos, outros mais expansivos, todos são instigados a participar, a se olharem, a interagirem, diferentemente do que costuma acontecer em uma sala de aula de carteiras enfileiradas, onde o aluno deve permanecer sentado e em silêncio por longos períodos de tempo, com o campo de visão limitado para o(a) professor(a) e para a lousa, formato que pouco condiz com a necessária visão periférica trabalhada na capoeira. Na abordagem corporal, lúdica e musical proposta nas ações do Núcleo, buscamos que esse aluno(a) se sinta valorizado(a) e reconhecido(a) pelo viés do encantamento, buscando fazer com que o(a) jovem negro(a) alcance o empoderamento à medida que vê sua cultura e os conhecimentos oriundos dessa cultura sendo tratados de forma positiva na escola, em detrimento da inferiorização e dos estereótipos depreciativos relacionados aos negros e negras e sua herança cultural, ainda tão arraigados na sociedade racista brasileira.

Essa participação no *Projeto Irêti* [1] constitui uma entre as diversas vezes em que o Contramestre Pinguim e os alunos e alunas do Núcleo de Artes Afro-brasileiras estiveram em contato presencial com professoras, professores, alunas e alunos da rede pública de ensino médio e fundamental. Ressaltamos aqui o presencial, pois se tratam principalmente de atividades de corpo e música, em tempos de pulverização das relações virtuais. “O celular está ensinando mais do que a escola”, diz o Contramestre.

Da mesma forma que as ações do Núcleo elencadas a seguir visaram contribuir com a formação dos alunos e alunas das escolas com as quais a equipe do Núcleo teve contato, alguns de seus trabalhos foram voltados exclusivamente para os professores e professoras visando auxiliá-los na incorporação de repertórios culturais que podem ser trabalhados em sala de aula, bem como auxiliá-los(as) no seu próprio desenvolvimento expressivo (voz, corpo e respiração) a ser aplicado na relação cotidiana aluno(a)-professor(a), expressividade esta que o Contramestre chama de “presença de espírito”, algo como “colocar-se em cena” durante a aula, contribuindo para uma forma mais eficaz de manter a concentração e foco dos alunos e alunas. Por fim, trazemos também algumas ações que não são diretamente desenvolvidas em instituições de ensino formal, mas que também

podem ser consideradas como educativas, considerando o público alvo e retomando a ideia da cultura como mediadora entre escola e alunos (as).

Destacamos a seguir algumas participações de membros do Núcleo de Artes Afro-brasileiras em iniciativas culturais educativas, sejam como proponentes, convidados ou profissionalmente contratados, às vezes individualmente, outras vezes em grupo. Vale antes registrar que, assim como os mutirões para manutenção do espaço físico e demais ações coletivas marcam esse histórico de Ocupação na Universidade, as participações em grupo nesses eventos são, na maioria dos casos, viabilizadas coletivamente em termos de logística e infraestrutura (carros pessoais para transporte, arrecadação de quantias para eventuais despesas, instrumentos musicais, confecção de figurinos), não passando essas despesas pela administração da Universidade.

A seguir elencamos algumas das ações do Núcleo de Extensão e Cultura em Artes Afro-brasileiras da USP que aproximam a pesquisa e prática na Universidade com a escola e sua comunidade:

- » Projeto “Professor Criativo” – coordenado por Marika Gidali e Décio Otero, da Companhia de Dança Ballet Stagium, com a participação do Contramestre Pinguim como educador de corpo (capoeira angola e dança afro). Projeto de atividades corporais que visava a formação continuada de professores e professoras da rede estadual de ensino e a instrumentalização dos(as) mesmos(as) com repertórios culturais do universo afro-brasileiro que os(as) auxiliassem na prática escolares cotidianas de valorização da diversidade cultural.
- » Projeto “Joaninha” - Projeto desde 2000, coordenado por Marika Gidali e Décio Otero, da Companhia de Dança Ballet Stagium, que atende crianças da rede pública de ensino promovendo aulas de dança, música e cidadania. Oferecimento de aulas semanais de dança afro, maculelê, capoeira e percussão, com a participação do Contramestre Pinguim e de pesquisadores do Núcleo de Artes Afro-brasileiras na condição de educadores de corpo.

Figuras 1a e 1b – Aulas do Projeto Joaninha, da Academia de Dança Ballet Stagium, com o Contramestre Pinguim, 2016. Acervo do pesquisador Adriano Souza.



- » Centro de Vivência Uirapuru – oferecimento de aulas de capoeira angola e maculelê para crianças moradoras do bairro Jardim João XXIII e frequentadoras do Centro de Vivência Uirapuru de 2001 a 2004.



Figura 2 – Apresentação de maculelê com as crianças do Centro de Vivência Uirapuru

- » Programa Fábricas de Cultura – Projeto Espetáculo, promovido pela Secretaria Estadual de Cultura. Contemplam oficinas de arte-educação envolvendo as linguagens artísticas de teatro, música, dança e circo, além de capoeira, dança afro e maculelê, visando à criação de espetáculos de artes corporais. Trabalho com a contratação de educadores do Núcleo de Artes Afro-brasileiras voltado para crianças e adolescentes da cidade de São Paulo. 2005-2006, 2007 a 2011.



Figuras 3a e 3b – Alunos e alunas moradores do Bairro Jardim Eliza Maria, Brasilândia, participantes do Projeto Fábricas de Cultura, com a camiseta dos Guerreiros de Senzala em dia de apresentação de capoeira angola, maculelê e samba de roda no Bairro.

- » Apresentação do espetáculo de dança *O Negro das Issabas* na Terça Cultural Acaia, do Instituto Acaia. O Instituto em questão é uma organização social sem fins lucrativos que acolhe e oferece atividades sócio-educativas a crianças, adolescentes e famílias de comunidades do entorno da Vila Leopoldina (SP). Sinopse do espetáculo: sob o manto de Oxalá, um rei carrega o peso do mundo. Dos mitos ancestrais ao cotidiano histórico e contemporâneo de comunidades do Recôncavo Baiano, o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras traz uma coletânea de cenas de poética afro-ameríndia inspiradas no universo do maculelê e da capoeira, nos mitos e na magia da natureza, expressas nos corpos que interpretam a ancestralidade afro-brasileira partindo de sua própria experiência e ancestralidade. As cenas também revisitam personagens de espetáculos anteriores, como o *Cacimba de Aruanda* e *Sem Folha Não Tem Festa*, introduzindo novas leituras de seus repertórios. 10 de novembro de 2015.

Figuras 4a e 4b – Cenas do espetáculo O Negro das Issabas



- » Projeto Angol'Erê - Em 2017 o Núcleo de Artes Afro-brasileiras iniciou um projeto piloto de ensino de capoeira angola voltado para o público infantil no local de sua sede, com um corpo de quatro educadores sendo dois universitários e dois não universitários, todos alunos do Núcleo. O Projeto atende em sua maioria crianças da Creche Universitária, mas pretende ampliar o escopo de seu público em 2018 atendendo alunos e alunas de outras creches públicas da região.

Figura 5 – Aulas de música para capoeira angola com crianças do Projeto Angol'Erê. 2017.





Figuras 6a e 6b – Aulas de música para capoeira angola com crianças do Projeto Angol'Erê. 2017.

VISITAÇÃO EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA

Participação de pesquisadores do Núcleo de Artes Afro-Brasileiras em atividades educativas relativas às artes corporais afro-brasileiras destinadas a alunos e alunas de escolas do ensino médio e fundamental.

- » Escola Municipal Maestro Fego Camargo, Taubaté – 2010. Aula aberta para grupos de dança locais;
- » Escola Estadual Fernão Dias Paes, São Paulo – 2012. Apresentação de dança afro e maculelê;
- » EMEF Senador Lino de Mattos, São Paulo – junho 2015. Apresentação de dança afro a convite de uma das professoras da Escola que havia participado do *Projeto Irêti* [1].
- » Participação na Virada da Ocupação, realizada em 06 de dezembro de 2015 nas escolas estaduais ocupadas de SP e demais locais da cidade. Roda de conversa e aula aberta na Escola Estadual Dona Ana Rosa de Araujo.
- » Centro de Cultura Social Vila Dalva. Atividades de capoeira angola, dança afro, percussão e maculelê para crianças, jovens e adultos da comunidade da Vila Dalva, zona oeste de São Paulo, em 2016. O Centro de Cultura Social Vila Dalva define-se em sua página de Facebook como “uma re-iniciativa de ocupar o centro Comunitário da favela V. Dalva”, promovendo atividades culturais de resistência e união popular.



Figura 7 – Aula de capoeira angola. Acervo do Núcleo de Artes Afro-brasileiras, 2016.

FEBEM: A CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DO OUTRO LADO DO MURO

Quanto maior o muro social maior a segregação. Maior segregação social significa maior criminalidade. São variáveis dependentes. No Brasil, país com fortes resquícios coloniais e escravocratas, muitos lucram com o crime: partidos, políticos, empresários, policiais e os já considerados “criminosos”. A segregação alimenta o medo, um dos principais combustíveis das maiores atrocidades mundiais de crimes de lesa-humanidade, como o nazismo, as guerras étnico-religiosas e os autoritarismos. Aqui registramos os assassinatos de líderes sociais, as torturas, carceragens e genocídio da população de origem negra, indígena e periférica.

O medo, alimento da ignorância, base das intolerâncias, impede o convívio do cidadão equilibrado, pressupostos de uma sociedade plural e de um Estado democrático e de direito. Nesse ciclo vicioso, a reintegração social do jovem ou criança interna da FEBEM¹², que cumpre as medidas socioeducativas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é algo cada vez mais distante da realidade concreta desse público. A reintegração social alimenta apenas os discursos vazios.

Nossa experiência como arte-educadores de capoeira em unidades da FEBEM começou em 1999¹³ no Complexo do Tatuapé e se estendeu para outras unidades, como Brás, Vila Maria, Raposo Tavares, Taipas, Pirituba, Mooça e Armênia até 2006, sendo que a saída foi gradativa a partir de 2004. O impacto dessa atividade tem dois pilares centrais: retoma a ancestralidade negra e as memórias que o corpo carrega. Portanto, age profundamente no comportamento e sociabilidade do aluno interno, nas suas origens, uma vez que ele é tratado com respeito pelo educador, sem humilhações. Daí ocorre o que podemos chamar de relação de confiança recíproca, na qual a atividade cultural se torna um espaço de liberdade, que também proporciona vislumbrar a retomada de um sentido positivo da própria vida, de conduta ética e de dignidade humana.

Ocorre que a realidade após a desinternação é completamente outra se comparada a esses lampejos de vida digna. Na quebrada, nas vilas, nos bairros mais periféricos, a dinâmica sedutora em torno do crime é latente e sua patente agora é maior que antes, pois está um degrau acima dos iniciantes. Afinal, cursou a FEBEM, e se formou no crime.

Esse é um ponto que propomos para uma necessária reflexão e ação: necessidade

12 Fundação Para o Bem Estar do Menor do Estado de São Paulo, atual Fundação Casa. Apesar da mudança de nome, a política de encarceramento juvenil ainda é baseada em uma política prisional que pouco, ou nada recupera socialmente o indivíduo interno ou preso (detento).

13 A convite do Contramestre Pinguim, iniciamos esse trabalho como voluntários e no início de 2000 fomos contratados pela FebemArte e Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Na pirâmide de atividades (número de jovens atendidos), a capoeira estava atrás de outras atividades, como a dança de rua e o teatro. Inicialmente em três (o Contramestre Pinguim, um aluno da comunidade externa e um graduando), o número de professores multiplicadores oriundos dos Guerreiros de Senzala (embrião e cerne do Núcleo de Artes Afro-brasileiras) saltou para 7 (um pós-graduando, um ogã percussionista da comunidade externa, um aluno da comunidade externa e um graduando) e com a coordenação da professora Márika Gidáli, da Academia Ballet Stagium, a capoeira passou ocupar o primeiro lugar entre as atividades de arte-educação.

de extensão aliada a projetos pedagógicos progressistas, mas que sejam parte integrante de um programa de políticas públicas de inclusão social e racial, políticas de Estado, não de Governos e com ampla participação das comunidades. É necessário que a Universidade de São Paulo reclame para si a responsabilidade que lhe cabe; que seja exemplo, que trabalhe com ímpeto num projeto pioneiro nesses moldes. Porém, o que infelizmente percebemos é somente o aumento dos muros, concretos e imaginários, das catracas, das grades, do policiamento violento. A Universidade serve a quem afinal? O ciclo continua se reproduzindo, se fortalecendo e, é claro, lucrando sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coletivos, ocupações, saraus, artistas, poetas, movimentos culturais não institucionalizados que embora nem sempre sejam encabeçados ou inicialmente propostos por jovens, estão lidando com eles ou trabalhando junto e colocando-os muitas vezes no centro da ação. “Os grupos identificados como *culturas juvenís* não recebem essa titulação por serem constituídos integralmente de jovens, mas por terem uma característica que vai dialogar, sobretudo com a juventude.” [7]. Encontramos no panorama artístico-cultural deste milênio um terreno fértil para reinventar a educação escolar a partir de parcerias que fomentem essas iniciativas ao mesmo tempo em que apostam na autonomia desses movimentos, que nasceram libertos. Propomos aqui observar o potencial educativo dessas ações culturais e suas ressonâncias na sociedade. Aprender um pouco com a forma com que esses movimentos culturais têm cuidado de suas comunidades.

A ostentação de roupas e tênis de marca, celulares de última geração, cortes de cabelo estilosos, especialmente nessa fase da vida, se apresenta aos jovens como a chave para sentir-se integrados e valorizados(as) em seus grupos, em meio aos “parças” – termo oriundo da palavra “parceiro”, hoje comumente utilizado na periferia para se referir aos amigos.

Promover a educação escolar incluindo ações culturais que afastem esse jovem das estatísticas da violência urbana que apontam para a alta mortalidade da juventude negra e moradora da periferia¹⁴ [14], considerando os diferentes tipos de violência que rondam esses adolescentes, dentre elas a violência manifestada na criminalidade policial, na pobreza, no racismo e na criminalidade local dessas regiões. Nesse sentido, vale mencionar aqui outro relato do Contramestre, enquanto morador do bairro Jardim D’Abril, zona oeste de São Paulo. Segundo ele, um dos moradores da vila¹⁵ havia lhe contado que na ocasião do enterro de seu sobrinho adolescente, ao

14 “Entre os anos de 2004 e 2014, houve crescimento de homicídios contra negros e queda contra pessoas que não são pretas ou pardas. Atlas da Violência 2016, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FPSP).

15 O termo “vila” é um dos nomes que atualmente se dá a bairros de periferia, assim como “comunidade”.

caminhar entre os túmulos do cemitério, o morador identificou cerca de quinze covas de outros adolescentes, assim como a de seu sobrinho. Sobre esse assunto, a pergunta constantemente colocada pelo Contramestre como mais uma provocação para incitar a reflexão acerca desses problemas sociais e raciais é: “O que eu tenho a ver com isso?”. Perguntamos, então: O que a escola tem a ver com isso? O que os professores, professoras e a Universidade têm a ver com isso? Qual o isolamento proposto pelos muros da escola e da Universidade? Quantos garotos já tombaram numa fita atrás de um tênis de marca?¹⁶ O que podemos aprender com os movimentos artístico-culturais organizados e não institucionalizados que nas últimas duas décadas vêm ganhando espaço e mostrando uma nova faceta da politização juvenil, onde o jovem entra como potencial solução e não como problema social?

Entre as diferentes possibilidades de se trabalhar a educação e a extensão universitária, afinamos o foco e partimos para a experiência do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, que nasce de um movimento de ocupação do Grupo de Capoeira Angola Guerreiros de Senzala na Universidade no final da década de 1990.

No caso específico do Núcleo de Artes Afro-brasileiras o trabalho envolve também valorizar os mestres e mestras da cultura popular que sempre permitiram uma convivência rica em aprendizados aos seus pesquisadores. Cabe à Universidade, por meio de seus gestores, docentes e alunos(as), promover ações de valorização e reconhecimento desses mestres e mestras de saberes populares por sua dedicação à preservação cultural e pelo conhecimento acadêmico que ajudam a construir.

Elencamos aqui algumas das experiências do Núcleo de Artes Afro-brasileiras, enquanto Ocupação e corpo coletivo composto por universitários e não universitários, que caminham na direção da extensão universitária, ainda que cientes de que há possibilidades e necessidades de aprimoramento de suas ações.

Colocamos essas iniciativas do Núcleo de Artes Afro-brasileiras como atribuídas ao Contramestre Pinguim e aos alunos e alunas do Núcleo e não como política da Universidade, visto que, além da permissão de uso do seu atual espaço físico, a USP não oferece recurso orçamentário, nem infraestrutura para que essas ações sobrevivam, permanecendo elas no âmbito da mobilização coletiva do grupo participante – transporte, alimentação, estadias, secretaria, divulgação, instrumentos musicais, figurinos, apetrechos etc.¹⁷ Originariamente caracterizado como Ocupação, o Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP tem um histórico de ações autônomas, principalmente considerando que somente após seus dez primeiros anos de atuação na USP seu trabalho foi oficializado como Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão (NACE), permanecendo nessa nova condição de NACE por mais dez anos, que se estendem até hoje. Vislumbramos, então, neste texto não só a oportunidade de apresentação das

16 Tombar na fita é outro termo comum entre esses jovens, que em outras palavras significa que morreram durante uma ação criminosa.

17 Registramos aqui os editais de fomento da Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária que já viabilizaram projetos pontuais do Núcleo: Edital Programa de Intercâmbio de Atividades de Cultura e Extensão 2012, Edital Memória USP 2012, 1º Edital Santander/USP/FUSP de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão.

ações de extensão do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, mas a possibilidade de pensar o aprimoramento dessas ações com base em um diálogo mais próximo com a Universidade, de forma a potencializar ainda mais as propostas do Núcleo, pensando em políticas de maior amparo institucionalizado, porém livre dos excessos burocráticos, como se caracteriza um espaço de cultura popular; um exercício tanto interno, para o Núcleo, quanto no âmbito mais amplo de outras instâncias da Universidade.

REFERÊNCIAS

- [1] PROJETO Ìrètí. Formação em Cultura Negra para Educadores. Disponível em: <<http://ireticulturanegra.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- [2] RACIONAIS MC's. Vida Loka (parte II). **Nada Como um Dia Após o Outro Dia**. São Paulo: Estúdio Instituto e Dub Studios, 2002.
- [3] RACIONAIS MC's. **Mil Faces de um Homem Leal** (Marighella) – Single. São Paulo: Prod. Mano Bown & DJ CIA, 2012.
- [4] COOPERIFA. Disponível em: <<http://cooperifa.com.br>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- [5] SARAU dos Mesquiteiros. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/35882_noticias-univesp-sarau-dos-mesquiteiros-rodrigo-ciriaco.html>. Acesso em: 16 dez. 2017.
- [6] CINE Campinho . Disponível em: <<http://www.cinecampinho.com.br>>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- [7] ALMEIDA, Renato Souza de. **Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo**. 2009. 130 p. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4129>. Acesso em 16 nov. 2017.
- [8] Trabalho de Mestre. O ensinar de Mestre Pinguim. Produção de Talita Lima de Araujo. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, VAI Valorização de Iniciativas Culturais, Alvo Vídeo All. 2015. DVD.
- [9] ALVES, Luís Roberto. Educação, cultura e cidadania: comunicações da periferia. **Comunicação e Educação. Revista do Departamento de Comunicações e Artes**. V. 15, p. 35-44, 1999. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36861>. Acesso em: 25 out.2017.
- [10] UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Resolução nº 5940, 26 de julho de 2011. Regimento de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. **Diário Oficial [do] Estado de São Paulo**, Poder Executivo, São Paulo, SP, 28 julho 2011, Seção 1, p. 69-70.
- [11] SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila (org.) **Igualdade das relações étnico-raciais na escola**. Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº 10.639/2003. 1. ed. São Paulo: Peirópolis; Ação Educativa, Ceafo e Ceert, 2007.
- [12] BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da

- temática "História e Cultura Afro-Brasileira". **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003, Seção 1, p. 1.
- [13] BRASIL. Lei 11.645/08, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 março 2008, Seção 1, p. 1.
- [14] Atlas da Violência 2016, IPEA e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FPSP). <https://oglobo.globo.com/brasil/mapa-da-violencia-2016-mostra-recorde-de-homicidios-no-brasil-18931627#ixzz4LXTyT99M>. Acesso em: 26 junho 2017.
- [15] CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- [16] CHAGAS, Conceição Corrêa das. **Negro, uma identidade em construção**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- [17] ALMEIDA, Renato Souza de Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.56, p.151-172, 2013. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/68994>. Acesso em 22 out. 2017.
- [18] 15 Anos de Senzala. Produção de Thiago Mendes. São Paulo: Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, 2014. DVD.
- [18] A Missão em fragmentos. Doze cenas de descolonização em legítima defesa. Produção: Coletivo Legítima Defesa. São Paulo, 4ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), 21 maio 2017.
- [19] CASA Amarela: Quilombo Afroguarany. Disponível em: <<http://casamarela-quilombo.com.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

ELIANY CRISTINA ORTIZ FUNARI pesquisadora do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da Universidade de São Paulo, mestre acadêmica em Estética e História da Arte – e-mail: eliany.funari@usp.br.

LUIZ ANTONIO NASCIMENTO CARDOSO diretor artístico do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, mestre da cultura popular e contramestre de capoeira angola.

THIAGO MARCELO MENDES pesquisador do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da Universidade de São Paulo, mestre acadêmico em Filosofia.